

AS COSTUREIRAS ALEGRIA DA CIDADE

(Ver reportagem nas páginas doze e treze)



FOTO
ARMANDO
SERODIO

**VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA**

ANO VI—N.º 261
23 DE MAIO DE 1946
PREÇO AVULSO 2500

PANORAMA

NA exposição das invenções mundiais que se está realizando em Chicago, «Miss» Pauline Boyer apresentou «o raio à base da energia atômica, para o tratamento do artrritismo». A máquina inventada por «Miss» Boyer pode ligar-se à corrente eléctrica de qualquer casa.

Uma mulher que adapta, a fins humanitários, a mais terrível descoberta do Homem. Um exemplo a seguir — e uma atitude a registar.

OS casais alemães que não têm filhos, estão-se interessando bastante pela adopção de crianças de dois a quatro anos, desde que sejam loiras e tenham olhos azues.

E é curioso reparar como a simples cor dos olhos dum criança pode vir a ter influência decisiva no seu futuro...

TOSCANINI, que se negou a reger o Hino Fascista em frente de Mussolini, dirigiu, há pouco, o seu primeiro concerto após o seu regresso a Itália, depois de 16 anos de exílio, na reabertura do Scala de Milão. Ao chegar ao teatro, Toscanini foi recebido com uma ovacão entusiástica pela maior assistência que há muitos anos se vê no Scala. Vieram especialmente para assistir ao espectáculo, críticos musicais de todo o mundo, incluindo a América. Embaixadores, autoridades militares aliadas, uma multidão de admiradores e amantes de música enchem o teatro.

E o famoso maestro deve ter sentido bem como, através de tudo — dos paisões, dos crueldades e das intransigências dos homens — o seu Arte ficou pura — igual a ela própria e ao grande músico que não a quis pôr ao serviço dumha causa que não era a sua — nem a da Humanidade.

NO tribunal do campo de Dachau foram pronunciadas mais cinquenta e oito sentenças de morte.

Terminou a guerra, pretendem os homens fixar a paz nos corações do mundo, mas verifica-se esta coisa triste: — que o campo de Dachau continua, embora sem guardas e sem torturas, a ser um campo de morte!

Não valeria a pena levar os tribunais para longe dos cemitérios?

LEOPOLDO Ludwing, director da grande orquestra do Opera Staedtisch, de Berlim, situada no sector britânico de ocupação, foi demittido do seu cargo por se ter averiguado que pertenceu ao partido «nazi».

Agora, afastado da sua orquestra, Ludwing deve pensar, amargamente, na imprudência que é, para um maestro, fazer da sua batuta um estandarte de guerra — principalmente quando essa guerra não representa um sonho de artista, nem um anseio de liberdade...

AS estátuas erigidas, na Turquia, a Mustaphá Kemal, já atingem a número de vinte e duas mil!

Grata pela sua ressurreição, a Turquia põe, a cada canto da sua terra, uma lembrança do homem a quem a deve. Pode, para muitos, a construção de tantos milhares de monumentos parecer um excesso de gratidão. Mas talvez assim não pensem os turcos, que conseguem erguer tantas estátuas apesar de não deixarem de construir canhões...

DIRECTOR:

JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR:

PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE «VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA EMENDA, 69, 2.ª — LISBOA — TELEFONE 2 5844

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

OFICINAS GRAFICAS BERTRAND (IRMAOS), LIMITADA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA



SONJA HENNIE REPUDIOU A SUA PÁTRIA

SONJA Hennie, patinadora de fama mundial, talvez nunca mais possa regressar à Noruega, sua pátria, devido à maneira como procedeu durante a guerra.

Soubes-se agora, em Washington, que Sonja se recusou a contribuir para a subscrição de fundos a favor dos marinheiros noruegueses, negou-se a colaborar nos serviços oficiais de informação e insistiu sempre em que era americana.

Foi muito mal recebida quando visitou Oslo, no Verão de 1945.

A CONFERÊNCIA DE PARIS

O princípio surgiram, na conferência dos ministros de Negócios Estrangeiros aliados, em Paris, graves problemas. E a grande dificuldade estava em conciliar duas tendências opostas, que se podem definir assim:

a) Tendência anglo-americana — *Conservar a União Soviética afastada do Mediterrâneo, fechando-lhe a porta de Trieste, e impedindo-a de tomar pé, de qualquer forma, sobre as colónias Italianas.*

b) Tendência russa — *Abrir o acesso ao Mediterrâneo: pela entrega da soberania de Trieste à Iugoslávia, pela cedência à Bulgária de saída para o mar à custa da Grécia (por Salónica ou Cavala), pela sua instalação na Tripolitânia ou Cirenaica, através de um mandato da O.N.U.*

Actual, parece que os ministros conseguiram chegar a acordo, em princípio, sobre as três questões mais importantes:

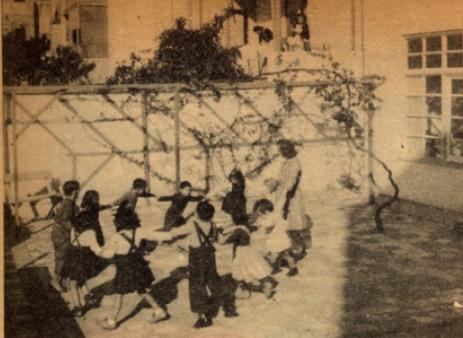
1.º — O tratado de paz com a Itália;
2.º — O problema das colónias Italianas e das reparações de guerra a pagar por este país;
3.º — A questão dos criminosos de guerra.

Assim aplanados os pontos principais que poderiam suscitar divergências, é de esperar que em breve o acordo seja completo, e que o tempo que os ministros perderam a deslocar-se a Paris, não seja, inteiramente — tempo perdido...



Bevin, ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, com Duff Cooper, embaixador da Inglaterra, à chegada ao palácio onde se realizou a conferência.





JARDIM INFANTIL

1) mais novo tem dois anos, o mais velho não terá ainda seis... E todos brincam, alegremente, num terraço ao ar livre, florido de lilazes, onde o sol bate de chapa.

As crianças estão divididas nas suas ocupações: — uns brincam num espaço coberto de areia, outros fazem exercícios rítmicos; os mais velhos são ocupados a desvendar os segredos dos números e das letras do alfabeto; outros, ainda, retolham papéis de cêra para composição de desenho geográfico.

Os pelizes aprendem a língua francesa, esboços de dança ao piano, com duas jovens professoras estrangeiras, desenho, piano, dança rítmica...

O Método Montessori é o adoptado, e sob o sol amigável, as crianças vivem, diariamente, no terraço, algumas horas de felicidade.

GARCIA DE LORCA NÃO ERA UM POETA DE FÁCIL INSPIRAÇÃO

J. A. Hamerton, no World Digest, conta-nos o seguinte, acerca de Garcia de Lorca: «Acabo de ler uma página «fac-símile» de um manuscrito, reproduzida numa colecção de poesias do malogrado e jovem poeta Garcia de Lorca.

«Trata-se do esboço de uma balada. A margem da página encontra-se uma lista de palavras que o poeta tentou empregar como rimas ou como palavras principais: *luzo, caso, emergers, arquitectura* e muitas outras. Isto vem demonstrar que Garcia de Lorca não era um construtor fluente e «inspirado» do verso. Ele era um artista da palavra, que trabalhava muito o verso e escolhia pensosamente as palavras mais capazes de exprimir o seu pensamento.

«No entanto, os resultados obtidos dão-nos a impressão da perfeita espontaneidade».

UMA ANEDOTA SOBRE MONTGOMERY

As anedotas acerca do Marechal de Campo Montgomery, já hoje fazem parte do «folclore inglês... A que vamos contar é pouco lisonjeira para o marechal.

O caso passou-se quando ele era comandante em chefe nas operações do sudeste.

Deu imediatamente ordem para que o filme fosse exibido. Convocou todos os oficiais e avisou-os de que era obrigatória a sua ida ao cinema, para assistirem à exibição do filme.

No cinema, Montgomery subiu ao palco e, antes da exibição do filme, leu um estudo magistral acerca da máquina de guerra soviética. Pediu a todos os presentes que prestassem a maior atenção ao filme.

O cinema ficou às escuras e no «ecrã» surgiu o seguinte título: «O EXERCÍCIO VERMELHO» — História da vida das formigas.

“BAIRRO EXCÊNTRICO” POR ALEIXO RIBEIRO

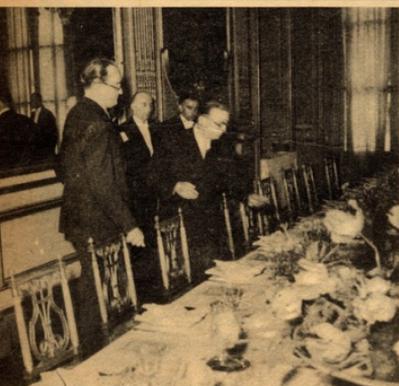


Escritor de comprovados méritos, Aleixo Ribeiro deu-nos agora, no estilo profundamente humano e sentido que lhe é habitual, «Bairro Excêntrico».

Trata-se dumha obra que todos os que a lêem devem sentir profundamente.

Aleixo Ribeiro pertence ao número de escritores que sabem escolher um «caso» e apontá-lo, num estilo fácil mas cuidado, com uma sobriedade e sinceridade que impressiona.

Não é, por isso, difícil adivinhar a «Bairro Excêntrico» um grande êxito de livraria.



1) Mr. Félix Guin, presidente do Governo francês, ofereceu, no Ministério da Guerra, um almoço aos ministros dos Negócios Estrangeiros aliados. Da esquerda para a direita vêem-se: F. Gay, Maurice Florez, Vincent Aurial, Bevin, Félix Guin, Byrnes, Molotov e Bidault. 2) Antes do banquete os delegados, o sr. Félix Guin verifica os lugares distribuídos. 3) Molotov durante uma conferência de Paris.

A PEQUENINA HISTORIA DE

MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA

**QUE DIZ VERSOS
COMO ESCULTORA
E MODELA COMO
SE FOSSE
POETISA...**

se lembrem destas verdades. E que Iveta Ribeiro não encontre a compreensão de todos. Se soubesse a saudade com que ela fala de Portugal e dos portugueses... E uma mulher cheia de iniciativas, de energia e de talento...

Margarida Lopes de Almeida sabe, porém, que eu estou ali para saber coisas dela. Quero que me diga que se estreou, em público, numa festa de beneficência — a favor dos caboverdeanos estomacados!

ASSIM NASCE UMA ESTRELA...

— Foi Chaby Pinheiro, que estava no Brasil, que me pediu para recitar «O Ventos». Havia, porém, outros números na festa. Mas lembro-me, como se fosse hoje, do primeiro recital que dei, em que eu era o único modelo do cartaz. Foi a primeira declamação que, no mundo, deu um espectáculo, só consigo e com os seus versos. E lembro-me que meu pai, para me desencorajar de aparecer no palcozinho de um salão de concertos paulistano, impôs uma condição: que as bilhetes não fossem colocados. Meu pai pensava que, vendo a casa vazia, desistiria. Mas a fortuna não estava do lado dele; ganhou oito contos de reis, imagine! Eu pensava e com razão: se o público lá as festas para me ver, porque não havia de organizar recitais em meu benefício? — E a declamação não afogou a arte da escultura...

Nos lábios daquela que foi a pequena Guida, há um sorriso. Ela, se quisesse, podia dizer, até, que as suas exposições individuais são sempre um grande êxito, e que ainda há pouco expôs um São Sebastião maior que um homem, em mármore, que a crítica andou e algemou do norte adquiriu por telegrama... Também podia dizer que, com o Prêmio Viagem da Associação de 300 contos que lhe deram para viver três anos em Paris; e que, consigo, trouxe um busto, maior que o tamanho natural, saído das suas mãos, réplica feita a um outro que existe no Rio...

DE MULHERES PARA MULHERES

— E o busto de minha mãe. Trago-o, com uma mensagem, para ser oferecido, em nome das mulheres brasileiras, às mulheres de Portugal. Esteve exposto, com as obras de outras Rets, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Mas não sei ainda onde o colocarei...

E, com um sorriso: — Gostaria que o Município escultoras a Praça Rio de Janeiro. Que linda que é! Ainda hoje lá andei a rondar, a estudar a melhor maneira... Quando deu o seu primeiro recital em 1925...

Em 1925, em S. Carlos. E é a primeira vez que venho à Europa depois da morte de meus pais, para a recitar. Foi, nos dias em que, pela América do Sul, onde, até hoje, como de resto no mundo, só encontro Iberia e Portugal. E, em uma sazoninha, que a magnífica intérprete argentina constituiu companhia, sofrendo no teatro, segundo

citá-la para uma festa de beneficência chega, mesmo, a confessar:

— Margarida, não nos diga que não! O seu nome é uma bandeira, uma certeza de êxito, um cartaz magnífico.

E a Guida, que é assim que a família e os amigos a tratam, vai a todas as festas, deixa os livros decorados e corre aos palcozinhos particulares. Já conhece a Europa! Intelta de 1913, viveu mesmo um ano em Paris, donde as vezes dá um salto a Portugal, para matar saudades aos parentes do Porto, onde seu pai nasceu. Era preciso matar o tempo, aprender no convívio da arte europeia e dos mestres da França, aquilo que a pouca idade não lhe deixava aprender na sua terra: a escultura. Enquanto não tiver 16 anos, a pequena Guida não poderá entrar na Escola de Belas Artes, onde a chama a sua vocação de escultora.

SÓL MAIOR DA SUA VIDA

Agora, que Margarida Lopes de Almeida está aqui só, pé de mím, enterada molemente num «magalh», onde a foi arrancar à leitura de versos, a declamadora consagrada pode confessar:

— Modelou as frases, pensando na escultura e do barro pensando na poesia...

Conheci Margarida Lopes de Almeida há nove anos, no Brasil, numa

Uma atitude do grande declamador, no seu recital realizado no Teatro Nacional D. Maria II.

A casa parece um ninho posado num verde tronco do arvoredo. Em Santa Teresa, de resto, todas as casas, enconchadas no morro luxuriante, parecem o ninho de ternura do poeta Filinto de Almeida e da escritora Júlia Lopes de Almeida. A esse tempo, já a escritora e o poeta são apontados pela gente que lê: ela virá a ser, com Machado de Assis, um dos dois pontos essenciais da literatura brasileira; ele virá a ser, com os primeiros dez, um dos que escolherá os outros dez que, por sua vez, escolherão os últimos vinte dos quarenta imortais da Academia Brasileira de Letras.

Na casa que é uma pacelha no morro aristocrático de Santa Teresa, onde começam a construir «chaletas» ou portuguesas — os «brasileros» de Portugal — as crianças vão crescendo: entre elas, há uma que promete ser mais uma radiosa flor dessa árvore genealógica que tem raízes, em Portugal, nos viscondes de S. Valentim e em Raül Brandão, por parte de seu pai; em Aquiles Machado, por parte de sua mãe.

A sombra das belas adéctas, talvez com as orquídeas que foi buscar ao campo pendendo-lhe dos cabelos, a pequena Margarida diz versos. Pela noite, com o luar a transfigurá-la a alma da poesia, o Rul que há de ser o aclamado Ribeiro Couto, diz versos, declama e declama embalar por aquela que virá a ser a primeira declamadora profissional no mundo.



Margarida Lopes de Almeida fala à jornalista Manuel de Azeredo

O que recita ela, além dos versos dos arminhos da família, solar patriarcal onde vai reunir-se o que tem de melhor a sociedade intelectual do Rio de Janeiro?

De moedinha, há logo poetas que estremece e que ela entende melhor, como Afonso Lopes Vieira e seu pai, Filinto de Almeida, a cuja «lítica» tal, talvez, arrancar algumas páginas, para dizer, como todas as meninas bem, nas festas de família.

Margarida Lopes de Almeida passa, depois, a ser solicitada para as festas de caridade, onde recita «A dança do Ventos» e «O pequenino morto». Um dia, uma senhora que vai sol-

festa que as Vitória Régias ofereciam à Associação Brasileira de Imprensa — com uma mesa muito comprida, coberta dos bolos mais fantásticos e dos doces regionais preparados pelas «femmes savantes» do Rio, e que os jornalistas, com o seu presidente Herbert Moses à frente, devoraram e comentaram em prosa sacudente.

Hoje, com um arzinho de sombra, Margarida Lopes de Almeida conta: — O Brasil e a amizade luso-brasileira devem muito a Iveta Ribeiro, a fundadora do Clube das Vitória Régias, a criadora da revista «Brasil-Portugal». E pensa que nem todos

me dizem, graves confrontos com a irmã, essa admirável Paulina, que Lisboa conhece.

— E agora?

— Agora... trabalhe! Estou louca de alegria por ter voltado à terra de meus avós, visito os antiquários, onde percorro a cabeça e o dinheiro, fui ver a procissão da Senhora da Saúde, compro tapetes de Arraloz, recto para as presas das Mónicas, que sei eu?

— Há-de cat-lhe muitos livros sobre a mesa...

— Muitos! Mas quer saber o que mais me sensibilizou? O da pequena Maria da Graça Varela Cid! Se não conhecesse a família de criança e o tino com que esta menina de 12 anos fala, iria jurar que estes sonetos não são dela, tão profundos os sinto e tão perfeitos!

— O que pensa dos poetas modernos?

POESIA... OU TALVEZ NAO...

Margarida Lopes de Almeida não quer exprimir a sua opinião. Mas, perante o que lhe digo a respeito do conceito do público em geral sobre os nossos modernistas, ela confessa:

— Também no Brasil os modernistas não são entendidos pela massa do povo. A poesia de Drummond de Andrade e de Mário de Andrade, por exemplo, pertence a uns certos grupos. Mas penso que o público se não interessa. Manuel Bandeira, tendo um sentido moderno de poesia creio que incarna hoje o verdadeiro e unânime gosto do público.

— Há-de ter poesias que foram os seus grandes êxitos...

— Sim, e elas andam com o tempo, com a moda... Passou «A Dança do Vento» e «O pequenino morto». Agora, as platéias deliram com «Os sinos», de Manuel Bandeira...

— Anda uma pergunta a bailar-me nos lábios, mas não sei como exprimir o desejo de entrar na vida sentimental daquela que foi a Guida... e que é hoje Margarida Lopes de Al.



A artista na intimidade

meida... Mas, daí a pouco, sem saber como, ela já está a responder-me:

— Esse aspecto sentimental só as artistas de cinema têm necessidade de dar a conhecer. A minha vida de camelinha rouba-me o gosto pela vida tranquila do lar que os pretendentes me impunham. Mas como era sempre muito forte a influencia da arte sobre as minhas decisões, nunca cedi...

— E não está arrependida?

— Espanto Margarida, na pausa que se fez: Mas, depois, ela responde com energia:

— Não! Coração ausente de amor? Ela própria explica:

— O coração faz parte da sensibilidade do artista. Conclua se eu devo ou não ter coração...

— Aquela que foi a «Guida» das esculpturas e que nasceu numa casa muito linda da rua Aprozível, cerca os olhos.

— Quem sabe? Talvez esteja a sonhar com algum principe dos seus 18 anos...

— Psiu, psiu, que ninguém, então, a acorde...

MANUELA DE AZEVEDO



Uma chinchilha meco. Serão precisas 150 peles para fazer um coaço.

A CRIAÇÃO DE CHINCHILHAS NOS ESTADOS UNIDOS

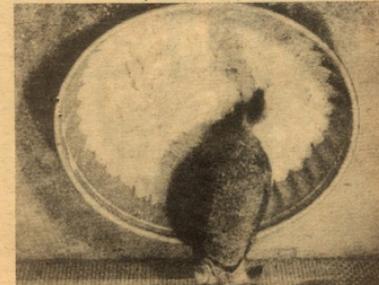
Nos Estados Unidos há hoje, mais de 20.000 chinchilhas, um animalzito da ordem dos roedores que fornece peles de luxo das mais caras.

A chinchilha é um animal muito pequeno que ocasiona pouca despesa. Por ano dão, geralmente, duas ou três ninhadas de dois filhotes.

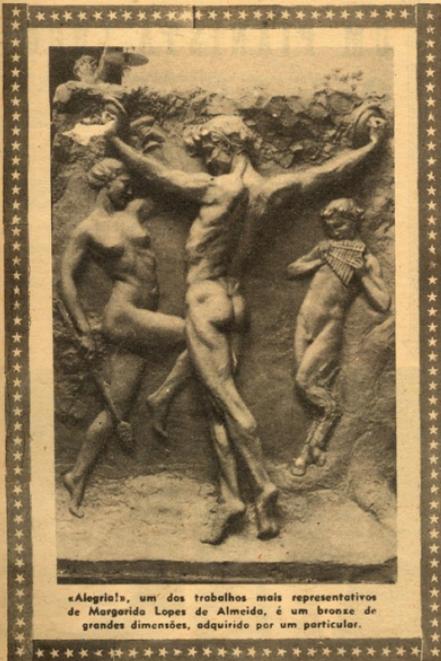
Realizou-se este ano, nos Estados Unidos, a primeira exposição internacional de chinchilhas.



Deve pegar-se nas chinchilhas pela cauda, visto que não é aproveitada nas peles



A chinchilha toma banho. A pele da chinchilha adquire a cor do pé usado no banho. A cor preferida é o azul.



«Alegria», um dos trabalhos mais representativos de Margarida Lopes de Almeida, é um bronze de grandes dimensões, adquirido por um particular.

DUELOS E DUELISTAS

POR LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



ARTUR Portela, que é, sem favor, não apenas nos bastidores do nosso jornalismo, mas na Rua do Ouro das nossas letras, uma figura marcante, acaba de publicar um volume — perto de duzentas páginas que se lêem com um interesse crescente — em que evoca, como num animado fundo de tapeçaria, alguns dos grandes duels que têm havido em Portugal. Se exceptuarmos o duelo — verdadeiro duelo na sombra — entre D. João V e D. Francisco Manuel de Melo, evocando galante em que o rei e o poeta disputaram, à ponta da espada, o pequenino coração palpitante duma mulher; se exceptuarmos ainda os duels António Osório-Carlos Gonçalves e Dias Ferreira-Beirão da Veiga, um e outro originados em meras questões de ordem profissional — digamos assim — todos os outros duels, treze nem mais nem menos, de que se ocupa Artur Portela, no seu último livro, são duels, caracterizadamente, políticos. *Através do volume assistimos — tão flagrante é o seu poder evocativo — aos duels entre João Francisco e Pinto dos Santos; Afonso Costa e Penha Garcia; Alpoim e Dantas Baracho; Alpoim e António Cabral; Homem Cristo, filho, e Bourbon e Menezes; Leite do Rêgo e Nunes Ribeiro; Espregueira e Castro da Mata; Melo Barreto e Rodrigues Nogueira; Alvaro de Castro e António Granjo; Alvaro de Castro e Ribeiro da Fonseca; Barbosa Colen e Lourenço Cayola; Crisóstimo Aires e Oscar Monteiro Torres; e — pungentíssima cena de sangue! — ao duelo entre José Júlio e Sá Nogueira, em que o príncipe tombou para sempre, no campo da honra, varado por uma bala do seu antagonista. Todos estes duels foram, repito, caracterizadamente políticos. Nem*

ao amor, nem afinal ao ódio, podemos atribuir a responsabilidade de ter armado, com maior ou menor gravidade, a mão dos duelistas: a responsabilidade pertence, desta vez, aos caprichos da política. Nada mais exacto do que dizer que o duelo se tornou uma espécie de instituição subsidiária do parlamentarismo. Para corroborar este ponto de vista, não precisamos sequer sair das nossas fronteiras. A movimentada série de duels que se verificou, entre nós, nas duas primeiras décadas deste século, mostram-nos que os debates parlamentares terminavam, com excessiva frequência, num golpe de espada ou numa troca de duas balas. Ai do político em actividade que, ao lado do *Regimento das Gilmaras*, não tivesse à mão o *Código do Duelo*, do conde Verger Saint Thomas! Alpoim, ao perguntarem-lhe, uma vez, qual era, na sua opinião, a primeira qualidade que devia possuir o homem de governo, respondeu, sorrindo, com a mais intencional ironia:

— Saber esgrimir!

De facto, os duels, de como consequência de razões acidentalmente políticas, tomaram-se por tal modo frequentes que os mestres de armas chegaram a ser mais consultados do que os conselheiros de Estado — e tinham mais que fazer do que os ministros. Existiu um francês, Mr. Dorsant, de quem se conta que se bateu três vezes em menos de oito dias, a primeira porque o olharam de frente, a segunda porque o olharam de lado, e a terceira porque não o olharam nem de lado nem de frente. Não podemos dizer que, entre nós, se tivesse chegado a este exagero caricatural digno dos tipos fanfarrões que o romance e o teatro se encarregam não apenas de produzir, mas de fixar. A verdade, porém, é que,

durante alguns anos, no mais aceso das paixões políticas, não houve ministro, par do Reino, deputado, jornalista do Governo e da oposição, que, quando menos esperasse, e por mais pacífico que fosse, não estivesse na eminência de se ver envolvido num duelo — pelo menos como testemunha.

* * *

Muita gente supõe que o duelo é permitido pela lei. Não é. A única arma que a lei admite — é a espada da Justiça. E assim, na maioria das legislações, senão na sua quase totalidade, o duelo é previsto e punido, não apenas em relação às pessoas dos contendores, mas em relação a todas as pessoas que nele porventura intervejam: médicos, testemunhas, assistentes. Mas se a lei é inflexível, o mesmo se não poderá talvez dizer das autoridades administrativas e judiciais encarregadas de a aplicar, que, nesta matéria (um pouco por tradição) denotam, em regra, uma decidida tendência para a generosidade. A polícia fecha os olhos; os tribunais, nas hipóteses, alíis raras, em que são chamados a intervir, mostram-se benevolentes. O facto não sucede apenas entre nós: sucede em todos os países nos quais se cultiva esta forma, alíis pouco aconselhável, de decidir certas questões de ponto de honra. E, entretanto, nem jurí-

dica, nem moralmente, o duelo pode justificar-se. Noutros tempos ainda havia ingenuamente a crença de que a verdade e a justiça estavam, por designio de Deus, do lado do vencedor. Esses tempos passaram. Em boa verdade, nem sequer pode afirmar-se que o vencedor seja o mais dextro no manejo das armas. Quantas vezes um duelo se decide em favor exactamente daquele que todo conjecturava que fosse o vencedor! Por outro lado, julgar da ofensa à honra e à dignidade de cada um, por intermédio duma arma, qualquer que ela seja e qualquer que seja a mão que a impunha, não pode deixar de afigurar-se aos espíritos sensatos como o caminho menos seguro para conduzir a um sereno julgamento dos factos. Os chamados tribunais de honra parecem, sem dúvida, mais indicados do que a pistola, o sabre ou a espada francesa para decidir estes casos de honra ofendida. Vendo bem, o que nos fica, pois, do duelo? A audaz coragem dos contendores, a inflexível paciência das testemunhas, o cuidadoso interesse dos médicos — e, quantas vezes, como no caso do duelo entre José Júlio e Sá Nogueira, uma dolorosa página de sangue! Verdade seja que se não fossem os duels, não teria Artur Portela escrito o seu último livro — o que, de certo modo, constitui para os duels uma justificação a considerar.

UM PIANISTA LOUCO

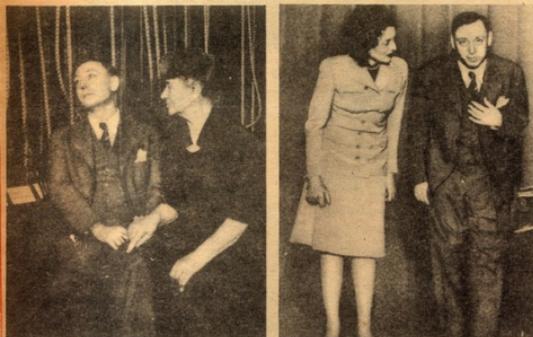
1) O pianista que aparece nas fotografias está completamente louco! Está a receber tratamento num hospital de Detroit. Os médicos tentam curá-lo por meio da música.

Horácio foi um discípulo promissor de Oasp Gravitovitch, famoso pianista. Tornou-se professor de piano, mas tinha vergonha de tocar em públicos.

Mais tarde, Horácio perdeu a facultade de ler e caiu abto a acção da mania da perseguição. Aos 36 anos tornou-se absolutamente infantil. Não sabia andar nem falar, e era preciso dar-lhe de comer. Levaram um plano para o seu quarto, e um médico tocou uma música de Chopin. Horácio saltou da cama e não levou muito tempo até que tocasse sozinho. A maneira com que tocava levou o compositor Howard Hanson a considerá-lo como um génio.

Horácio já começa, de novo, a falar, como por suas próprias mãos e cada vez toca melhor.

Talvez nunca se cure por completo, mas o seu caso encorajou o uso do tratamento da doença mental pela música. Na semana passada, uma senhora louca entrou num recital e aumentou as esperanças do que acreditam poder curar a loucura por meio da música.



1) A mãe de Horácio deseja dar publicidade ao caso do filho, porque auxiliado, deste modo, a compreender quanto a música poderá contribuir para a cura das doenças mentais. 2) Após o concerto, Horácio agradece ao público. Nas seis fotos seguintes: O pianista louco executou parte do concerto em do menor, de Chopin, num programa de rádio. As suas expressões reflectem as variantes da música.

CORRER MUNDO A TERRA DO ORO

Walter Raleigh, o homem que procura a Terra do Ouro.

QUANDO o célebre aventureiro espanhol Francisco Pizarro empreendeu a conquista do Peru, numa campanha em que enfrentou todos os perigos desde as fúrias envenenadas dos índios Iroqueses às cicadas das savanas virgens, Orelana, um dos oficiais da expedição, que sofrera as febres dos grandes rios, o calor tórrido dos Andes e as longas travessias da fome e da sede, descreveu, ao regressar a Espanha, uma região maravilhosa, pretendia haver descoberto naquelas distantes plagas do novo continente, a Terra do Ouro.

A lenda do Eldorado tem, portanto, quase quatro séculos. Esse vasto território onde o precioso metal parecia espalhado, numa mágica profusão como que a incendiar de rútilas clarões vales e colinas, estaria situado entre o Amazonas salpicado de rios feroces e o Orenoque de margens inacessíveis — o chamado Mississipi da América meridional que Colombo descobriu em 1498. Um inglês de espírito propenso à aventura e ao sonho, imaginou, no recanto do lar tranquilo, entre papéis de chancelarias e versos de algum poema imaculado, o que seria tão prodigioso rincão entre pampas incultas e florestas embebidas na sombra, complicadas num labirinto constante de ameaças. Era um hábil estadista e um diplomata astuto que nas horas vagas combinava rimas e arquitetava os mais altos castelos de fantasia. O seu temperamento de visionário impelira-o a alguns projectos arrojados. Devia mais tarde realizar grandes viagens chamarradas por essa apalbanhada tentação do mar que nele exercia um intenso poder de atractividade. O homem público, como hoje lhe chamaríamos, favorito da rainha Isabel, rico e poderoso, colheu das experiências da época a possibilidade de materializar aquilo que para muitos não passava de delirios irreais.

O que parecia quimérico, flutuando num mar de sonho, fez-se realidade nas inmensas encruzilhadas do oceano. Walter Raleigh achou essa terra, seguindo a rota dos navegadores portugueses e espanhóis, foi também o primeiro aventureiro dos mares em busca de tesouro — o ouro ou de ilhas misteriosas nos confins da terra. A narrativa de Orelana tinha todos os aspectos duma história absurda, mas Raleigh acreditou. Pressentia que debaixo da descrição quase extravagante duma terra maravilhosa existia talvez um pouco de verdade capaz de espigar a curiosidade dum poeta...

Estudou em todos os pormenores uma expedição a essas distantes paragens. O plano amadureceu pouco a pouco, a tomando contornos. Nenhum documento ficou que provasse a arrojada façanha do homem que Jaime I havia de decapitar mais tarde. Apenas se sabe que se foi ao mar desde a sua empresa, desembarcou num porto ignorado do novo continente e subiu o Amazonas.

A bondade dum clima trópicos devorou grande parte da guarnição de Walter Raleigh, da mesma forma que o ciclone abate a floresta do brasileiro do dia sucedido, sem a atenuante do intervalo crepuscular, a treva húmida e fria, a chama viva do sol, o gelo

mortuário da noite... Milhões de insectos causticantes, vísceras, penitências, esse exército de sombras vacilantes que lam ceindo para sempre. Dominando o pânico que, pouco a pouco, se assalava naquela jornada épica, a energia do chefe teimava em prosseguir a aventura extraordinária. Do Amazonas afastou-se pelos tremedais medonhos dos sigilosos até o Rio Negro, deavassando-o no caminho do norte. Foi, sem dúvida, uma fantástica incursão, uma prodigiosa escalada, rio acima, através desse caudal enorme que nasce em Popoian, na Nova Granada, no sul do Gaiquetá semeado de recifes e de cachoeiras infernais. Numerosos tribos que vivem nas margens do grande juriguenço de índios, concitaram as suas divindades bélicas, ao verem, assombradas, essa jangada de moribundos — qualquer coisa de pseudo selvagem do solo torvelinhado das águas para seguir o rumo do desconhecido em busca dos tesouros do Eldorado.

Mas tarde, piratas holandeses haviam de subir o mesmo rio, não empurrados pela ambição de devedar a terra do ouro, mas unicamente para assalarem os barcos de fundo chato que, carregados de cacau, cochinilha, índigo e pau do Brasil, vinham de Nova Granada, hoje cidade importante de Nicaragua, e se enfroinhavam pelo rio San Juan até o porto de Georgetown.

Onde teria Raleigh estabelecido a sua base ao penetrar nas emaranhadas teia de matagais bravios e de bosques cerrados? Indo sempre mais longe, internou-se pelas rectas pantanosas, infestadas de mosquitos, que margeiam o Casiquiare. Aventureiros ao acaso pelas planuras dos vales extensos e contornos os sinuosos abismos das montanhas de Fariña — subindo e descendo as escarpas da cordilheira e os planaltos interrompidos por alguns dias de marcha em plena floresta embebida na sombra e complicada por um constante labirinto de ameaças. A 'jungla' povoada de animais exóticos e onde é preciso acender fogueiras para evitar a ronda nocturna das teras, fadiga aquela vontade de ferro — e o aventureiro intrépido regressou a Inglaterra com poucos dos homens que o seguiram em tão atucada e maravilhosa viagem por sertões cercados pelos braços do Amazonas, do Orenoque e do Rio Negro.

O fracasso da expedição escondeu-o Raleigh no pretexto de estudar as possibilidades de colonizar o vale do Orenoque. Depois da morte do explorador, nunca mais se falou no Eldorado. O Casiquiare guardaria para sempre o inviolável segredo da terra do ouro... Há quem acesse que Orelana não inventou uma história inacreditável... Há quem julgue que é mais ou menos a metade do vasto percurso do rio que atravessa Nova Granada e parte de Venezuela, que está situada tão prodigiosa região. O Casiquiare ficou sendo o rio legendário da Cidade do Ouro. Um dos seus múltiplos braços introduz-se nas regiões riquíssimas da Guayana, onde outrora se arrombaram esmeraldas preciosas que encheram as tubas dos galeões espanhóis.

Muitos dos trezentos rios e ribeiros que estendem as suas águas até à imensidade do Orenoque, formam cataratas gigantes e imponentes no Casiquiare. Uma das grandes ribeiras deste rio é portuguesa, assim chamada por terem sido os seus exploradores portugueses que contornaram as suas margens de florestas virgens povoadas de plantas aromáticas de suavíssimo perfume e de aves de variada plumagem. Talvez no caminho desta ribeira, que se vai infiltrar em campinas vastas rodeadas de pequenos bosques onde vagabundam bandos de macacos, talvez no trilho misterioso desta correria líquida através de montes e prados, cujas margens em certos lugares abundam em jacarés — esteja a decumbradora terra do ouro que Walter Raleigh procurou sem descausar, eterna miragem da ambição desvalada dos homens, poeta de ilusão, o que só de supor-lhe a existência custou espanhóis sacrifícios...

JORGE RAMOS

UM SÓSIA DE HITLER

Frantisek Holub, chefe dos ferroviários checos fiéis à resistência, está agora, em Praga, nos estúdios de Barnard, onde interpreta a figura de Hitler no filme *O Juramento*. O ferroviário checo é um perfeito sósia do antigo chanceler alemão, e por isso foi aproveitado para o filme, que é um documentário que reconstitui os principais acontecimentos diplomáticos dos últimos anos. Começa no momento em que Estaline presta Juramento sobre o túmulo de Lenine e acaba em Maio de 1945. Holub é considerado o mais perfeito sósia de Hitler.



Holub saudável como Hitler...



Aqui vemos uma cena do filme *«O Juramento»*, em que outro artista interpreta a figura de Georges Bonet.



Frantisek Holub conversando, num intervalo das filmagens com alguns jornalistas franceses.



ADA
1937
1938



Swing

NALLY

UM PERFUME MODERNO



As mulheres mais elegantes
do mundo confiam a

Michel

a beleza dos seus lábios

Rue de la Paix... 5^a Avenue...
Avenida de Mayo... onde quer que
se reúnem mulheres elegantes, sem-
pre ouvira elogios a Michel.

Michel harmoniza perfeitamente
com os delicados tons da pele, a sua
base de creme dá suavidades de pes-
tala aos lábios, evita que sequem ou
rachem.

Repare como Michel se espalha
facilmente... como a sua perfeita
aderência mantém a sua boca fresca
e tentado, a o dia inteiro.



8 CORES QUE EMBELEZAM

AMAPOLA - MARIPOSA
AMARANTH - CHERRY
RASPBERRY - VIVID
SCARLET - BLONDE
3 tamanhos:

Luxe - Grande - Medio

Para um smalt-ups
impecável, use o
Rouge, de Artos
e Cosmético Michel.

Oferta especial dos Agentes

JAMES CASSELL & C^o SUCRS,
R. Mouzinho da Silveira, 85, 1.^o - Porto
junto 3830, (telas) para receber um
bato Michel de experiência

na C.P. 341

Nome

Morada



Na Casa do Alentejo realizou-se a festa anual do Grupo Desportivo dos C. T. T.



Começaram no Conservatório Nacional, as audições de alunos, para divulga-
ção do que se ensina, na Arte de Dizer, Música, etc. Com as obras do
Conservatório, já é possível as audições serem realizadas no novo salão,
que reúne melhores condições acústicas.



Inauguração da Exposição do artista Júlio de Sousa, que obteve grande
êxito, no S. N. I.



"Amanhã, quando
romper o dia"

por Barata Dias

Barata Dias, escritor
vigoroso e humano,
cheio de personalidade,
deu-nos, agora, um belo
romance, que, a seguir
às suas obras anterio-
res, «O Julg de Agua»
e «Romanço Incompleto»,
é uma bela confir-
mação do seu valor.

Escrito com alician-
te simplicidade, «Amanhã,
quando romper o dia»,
diz-nos a vida da gente
humilde, com uma ver-
dade e uma sinceridade
que enternecem.

Barata Dias afirma-se,
mais uma vez, um es-
critor pleno de quali-
dades, que não pode
ficar por aqui. Muito
mais há a esperar da
sua imaginação e da
sua sensibilidade de
escritor.



“AO ESTRIBO”
por Pepe Luis

Pepe Luis, apreçado crítico tau-
rino, publicou agora, para deleite dos
aficionados, «Ao Estribo», um livro
que se lê dum fôlego e que interessa
a quantos não sejam estranhos à
emoção da festa brava.

«Ao Estribo», que está, decerto,
destinado a um grande êxito de li-
vros, tem esplêndidos desenhos de
Martins de Leon, Álvaro Duarte de
Almeida, Maquedá, Cardenio, Bari-
naga, etc.

Pepe Luis aprecia, com notável
soma de conhecimentos, a evolução
da Arte dos cavaleiros portugueses,
contando vários episódios de touros,
que ficaram célebres, e trata
muitos outros assuntos de tauroma-
quia nas trinta e seis páginas do seu
livro, redigido, muito afortunada-
mente, dum que há vinte anos obteve enorme
êxito.

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale
por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo



Realizou-se em Lisboa o casamento do sr. Rui Viegas Godinho com a sr. D. Noémia Pais Albano. Os noivos à saída da igreja dos Anjos.



Sessão comemorativa do mais um aniversário da «Revista Militar», à qual assistiu o Chefe de Estado



No acto inaugural da exposição do artista Barata Moura, na Sociedade Nacional de Belas Artes

Maria de Vasconcelas triunfou no Porto

MARIA de Vasconcelas, com dia certo, afirmando as suas raras faculdades de artista plástica de um futuro.

Agora no Porto, onde expôs, para comemoração dum público selecto, um interessante grupo de trabalhos, onde se vê a dose e o dom de garbo, e expressivos desenhos de traço muito pessoal — acaba de alcançar um notável triunfo.

A melhor sociedade portenha esteve presente na elegante exposição, que foi inaugurada no Salão Fantasia pelo Presidente do Município.

Maria de Vasconcelas é natural do Porto e pertence a uma distinta família da capital do Norte. Discípula dum grande mestre, Maria de Vasconcelas cedo se revelou como illustradora. Trabalhando sempre, estudiosa e culta, vê agora, nesta sua exposição, o incentivo para o seu labor de artista.

A crítica apontou com merecido relevo o giz «Gracinhas», o sanguinico «Dezinhos» e dois estudos que mostram bem a personalidade forte de Maria de Vasconcelas.

Mas nem só nas figuras o poder interpretativo da pintora tem notável relevo. É também uma extraordinária descobridora — e uma regular de sensibilidade, que se enternecidas flores.

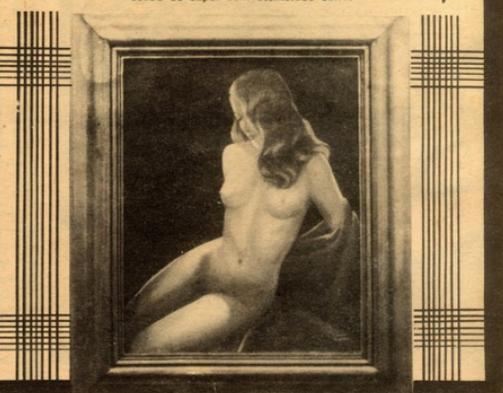


A pintora Maria de Vasconcelas ao lado do retrato de sua mãe, um dos trabalhos que melhor evidencia os extraordinários qualidades do ilustre artista

Os seus quadros, onde aparecem rosas e cravos, são verdadeiros jardins de Primavera, com algo, however, um encanto donde parece evoluir o próprio perfume.

Maria de Vasconcelas é prazerosa com a obra e a digressão — mais uma pintora com que se pode contar.

Um «nus» de Maria de Vasconcelas que foi muito admirada na Salão Fantasia do Porto, onde a artista acaba de expor com assinalado êxito.



Cuidai dos vossos filhos



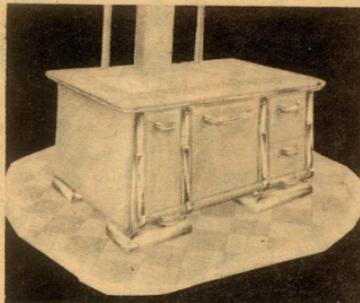
O estomago da criança exige uma alimentação ligeira e digestiva; de igual forma a pele fresca e sensível require um creme muito macio. As mães cuidadosas do bem estar dos seus filhos devem empregar o CREME NIVEA para purificar e fortificar a pele, que pode assim desempenhar todas as suas funções. A criança suportará melhor a humidade e as mudanças de temperatura.



Distribuição: Farmacia, Boticaria e Farmacêutica, Lda. Rua das Sereias, 20 - Lisboa

F.A. 50

Solidez e boa apresentação



São as qualidades de fabrico dos

**FOGÕES
COFRES
E BALANÇAS**

Des fabricantes:

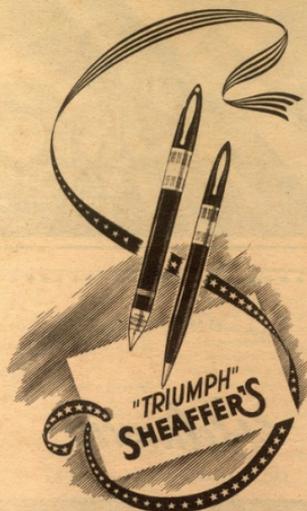
ALBERTO DA SILVA (IRMÃOS), LIMITADA

Rua do Arco do Bandeira, 129 = Telefone 24463

e no revendedor:

JOSÉ DA SILVA & IRMÃO, LIMITADA

Rua dos Correiros, 105 e 107



DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & QUARTE, L^{DA}
RUA DO CRUCIFIXO, 76-T-LISBOA-TEL-26297



1) O sr. João Pereira da Rosa, director de «O Século», discursando na festa em que reunim todos os seus colaboradores.
2) Comemorando o 1.º aniversário do fim da guerra na Europa e a libertação da Holanda, o pessoal das organizações Philips no nosso País ofereceu um almoço de homenagem ao seu administrador-delegado, sr. M. C. Wolfensberger, e ao gerente, sr. F. Besting. A festa decorreu com grande alegria e entusiasmo.

ENTRE TODAS
SE DISTINGUE



**GARANTE PELO MENOS
13 BARBAS PERFEITAS**

**MEIAS AMERICANAS
(NYLON-DUPONT)**

51 Gauge

**A autentica meia de vidro
Recebemos directamente em todos os tamanhos**

**MEIA DE VIDRO
Rua Augusta, 158**

UMA GOTA DE «HERPETOL»
E O DESEJO DE ÇOCAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E
DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

«HERPETOL»

É UM MEDICAMENTO SERIO E CERTO PARA TODOS OS
CASOS DE ECZEMA (PRURIDO DO SECO), GROSSTAS, FERIDAS,
ERUPÇÕES, ARDENCIAS NA PELE, ETC. ATÉ HOJE AINDA
NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



Para si, minha senhora.

4

MODELOS ORIGINAIS DE ARMINDA PEREIRA
Exclusivo de "Vida Mundial Ilustrada"

1) Moderníssimo robes em «crêpe» lis rosa pálido, gola, punhos e cinto em «satim» lavado. Pregas fundo, imitando «quimono», sobre a manga.

2) Em «sida» estampada este simples roupão de corte juvenil. Laço de veludo escuro na cor do estampado.

3) Em lã muito fina com gola de «satim». Aplicações de fita na gola e mangas.

4) Inédito no corte das mangas e gola, tudo numa só peça em tule inteiramente bordado na cor do tecido, mas mais escuro. Aplicações bordadas na saia.



"55" o
Batôn
da Moda
não tem rival

PEGGY E HUMBERTO



A ALIANÇA ANGLO-PORTUGUESA EM COREOGRAFIA

SIMPÁTICA parêla de bailarinos, esta constituída por Peggy e Humberto, dois artistas de indiscutível categoria, que o público estima e admira! Ela é inglesa e ele português. E, apesar dele falar pouco inglês e dela pronunciar muito mal a nossa língua, entendem-se perfeitamente, e cada novo bailado é um novo triunfo!

No Teatro têm-se evidenciado em inúmeras revistas, conseguindo sempre que os seus bailados cômicos sejam dos mais altos momentos do espectáculo. E, com o número de criações que possuem, algumas de estranha e saborosa originalidade, Peggy e Humberto poderão, quando quiserem, fazer uma digressão pelo estrangeiro, que será, temos a certeza, uma «tournee» triunfal.

Os dois artistas, porém, que têm tanto de valor como de modéstia, parecem, porém, por enquanto, contentar-se com esta «glória em família», que são os sucessos nas revistas portuguesas...

É PELO SANGUE QUE O CABELO SE ALIMENTA

O TRATAMENTO INTERNO COM OS COMPRIMIDOS

Crinisil

É A MELHOR GARANTIA DE UMA BELA CABELEIRA

Tubo de 50 comprimidos: Esc. 25\$00 em qualquer Farmácia

Depositários: Estabelecimentos Canobbio LISBOA--PORTO--COIMBRA--FUNCHAL



TOJO COMPARECE NO TRIBUNAL

O Livro do Momento
A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA
Por **RAFAEL MARÇAL**

General Hideki Tojo, Primeiro Ministro durante a guerra e um dos vinte e oito japoneses de alta patente acusados de crimes de guerra, aparece aqui ao sair do carro que o trouxe da prisão de Sugami para o Ministério da Guerra, a fim de ser interrogado. O julgamento dos criminosos de guerra japoneses começará dentro de um mês. Durante o interrogatório, um japonês que estava sentado atrás de Tojo deu-lhe uma bofetada, o que provocou agitação no tribunal.

(Serviço Internacional «News Photos», exclusivo para «Visão Mundial Ilustrada»)

UMA SONDA ELÉCTRICA DE SOM

Os arrais dos barcos de pesca Ingleses podem agora assinalar os cardumes de peixe por meio de um aparelho eléctrico que envia uma corrente de 18.000 quiloelctros para o fundo do mar.

O aparelho é a sonda de som. Pouco maior é do que uma lata de biscoitos, e já tem sido aplicado a centenas de barcos. A sonda de som está montada na casa do leme em ligação com lâminas oscilantes colocadas na quilha do barco.

Uma sonda que pode ser lançada até à profundidade de 8.000 metros regista o som num aparelho semelhante a um barógrafo.

O mecanismo de contrólé é ligado ao sistema que pode ser manejado por uma criança.



JUDES-ÚLTRA

Este maravilhoso parasiticoídio é o remédio de confiança para a destruição rápida de todos os parasitos da cabeça do do corpo.

Inofensivo para adultos e crianças, deve ser usado especialmente pelos mães que têm filhos em idade escolar. Aplica-se duas ou três vezes por semana. Custa apenas 4\$00. À venda nas farmácias, drogarias e casas mistas do provincia. Escreva ao seu próprio interesse Judes-Últra.



O esforço mental é tão extenuante como o físico

Ao fim de um dia o calcular o seu cérebro está cansadissimo. Poupe-o a esse trabalho usando a

FACIT



A MAQUINA QUE CALCULA RÁPIDO E CERTO

SOMA • SUBTRAI • MULTIPLICA • DIVIDE

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-AMERICANA, LDA.

LISBOA - RUA DA PRATA, 141 - TEL. 5 5201 E 5 2102
PORTO - RUA SA DA BANDEIRA, 339 - TEL. 1 248



Orientado por Leiria Dias

1.º Torneio — Problema n.º 5 Morto no jardim

Quando o Inspector chegou à casa de campo, nos arredores de Lisboa, onde fora chamado, levantamos ao lado do corpo de um homem, que uma coisa alíngria, mortalmente, sem pleno corcovo.

Tratava-se de Fernando Castro, negociante de gados, pessoa de pouca idade sempre irreprezível, pois algumas vezes tivera que prestar às autoridades esclarecimentos por certas negociações à margem da lei.

O cadáver encontrava-se estendido de costas no saibro do pequeno jardim que enfrentava o «chalet». Não muito direita segurava uma pistola, a que faltava uma bala.

No momento do crime, Fernando Castro conversava com um indivíduo ligado aos seus negócios, e era este, portanto, a pessoa indicada a ouvir, recordando mesmo sobre as fortes e misteriosas suspeitas.

Alberto Pimenta — o indivíduo em questão — não se fez rogado e falou deste modo: «Senhor Inspector, não pretendo falsear a verdade e, em direito aos factos, Fernando Castro foi morto por uma bala disparada por mim, mas juro que o fiz em legitima defesa».

Dizendo isto entregou ao Inspector a arma de que era portador, e continuou: «Fernando Castro combinara comigo uma entrevista por causa duns negócios de carnes. Estávamos os dois aqui no jardim, conversando, mas, em determinada altura, surgiu entre nós um desacordo, que exasperou o meu amigo.

Este, com o seu furo desalçado, perdeu a cabeça, emperrou-me, fazendo-me cair em cima do canteiro das flores, e puxou da pistola. Embora em desequilíbrio, saí da minha arma e, em legitima defesa, disparei. Vi Fernando Castro cair para trás, desamparado, e verifiquei que o matara. Foi eu próprio que chamei a polícia.

Podem apontar-me certos erros na minha vida, mas não sou um assassino. Se causel esta morte, flo para me defender. Juro-o, sr. Inspector».

O Inspector, que escutara com extrema atenção, começou passando um pequeno pédo aliradinho, parecendo meditar em tudo o que ouvira, sem poder dissimular que, ao mesmo tempo, ia analisando o cenário do crime, talvez reconstituindo-o na imaginação.

Por fim, virandose para Alberto,



Pimenta, atirou-lhe com estas palavras:

— Você assassinou Fernando Castro. Essa história da legitima defesa não pega. Acompanhe-me.

Pergunta-se: 1) Que razões levaram o Inspector a não acreditar no depoimento de Alberto Pimenta? 2) Poderá dizer-nos como se passou a cena? * * *

Envie-nos a sua resposta até 30 de Maio corrente, a fim de que possa ser considerada.

E se fazê-lo, sem que misture soluções de diferentes problemas, faça-o para a Rua da Enxada, 68-2.º, pondo Secção «Enigma».

PROBLEMA N.º 2
DECIFRAÇÃO

Tres razões levaram o Inspector à conclusão de que o deponente mentia e a prendê-lo, para averiguação de toda a verdade:

a) Nos cinemas, com coxa central, os números da platela são pares de um lado e ímpares de outro. Logo o portador do n.º 23 da fila G não estaria atrás do ocupante do n.º 22 da fila F, mas sim em extremos opostos.

b) Tanto a vítima o n.º 22 da fila F, normalmente na ponta da fila, era pouco lógico que tivesse saído pela coxa central, quando estava ao pé da coxa do seu lado.

c) Se os espectadores o viram a sair do W.C., como explicar a afirmação de que *mal cheira a porta*, etc.? Responderam a esta pergunta os nossos seguintes colaboradores, indicando-se entre parêntesis o número de pontos da classificação geral:

- Com 10 pontos — Philo Vance, Elviro, Algumê, Dropê, Oraval, Xis, Erbeilo, Mr. Dell, Ordil, Locail, Rocambolo, Maria Luiza, Mr. J. G. Reeder, Herporer, n.º 8 e Rapasê (todos com 20); Jorge Belo (19); Agente Koka Tudo, Artur Varatelo, Fantomas e Detective Aguilã (todos com 17).
- Com 8 pontos — Licam e Rial Verro (ambos com 19); Filipe José da Silva (16); Pedro Miguel e Black Falcon (9).
- Com 7 pontos — Juvenal Oliveira e Nemo (16); R. P. X-1 Operador Tele-fónico, Daniel Abreu, Regêrdio Silect, Fanash, The Gost, Azevedo Moreira e Mário Marques (14); Jillo Peig (8); Jomos e Manuel Baptista (7).
- Com 5 pontos — António Godofrey (15).

POSTA RESTANTE

Fantomas, R. F. António Godofrey e Philo Vance — Grato pelas vossas palavras de aplauso.

Rêpôrter N.º 8 — Devo agradecer-lhe os seus merecidos elogios. Vamos tentar, com toda a nossa boa vontade, fazer de «enigma» uma grande secção de problemas policiaes.

Rial Verro — O meu amigo (como vê acetou com todo o prazer o tratamento) confunde-me com a sua carta. Ainda bem que gostou do problema. Conto consigo.

Zirbea — Tive imenso prazer em receber a sua visita, pois não me esqueço a formidável luta que travámos no 1.º concurso da extinta página «Mistério e Aventuras», Camperimentos.

Artur Varatelo — O facto de solucionar de cor o problema, fê-lo-falhar em certas coisas impardáveis. Espero que não desanime, pois você é dos bons nomes da antiga secção.

Mr. J. G. Reeder — Muito me satisfaz a sua volta a estas colunas. Espero que continue.

Detective Branco — Não concorre?

Agente Koka Tudo — Interessante a sua resposta romaneada, mas... deixou escapar várias coisas. Continuaré.



A VEDETA MEXICANA MARIA ELENA MARQUÊS

DE PASSAGEM EM LISBOA FALOU-NOS DO MÉXICO, DO CINEMA E DOS TOIROS

GRACIOSA, delicada como um sibeloto, olhos pretos e cabelos de azeviche, Maria Elena Marquês passou, há dias, em Lisboa, a caminho de Madrid. Para o leitor pouco familiarizado com o cinema sul-americano, este nome não significa nada. Mas Elena é, incontestavelmente, uma das maiores actrices dos estúdios mexicanos, e vai na décima quarta película, acastanhada pelo publico e pela crítica, como uma das personalidades de mais relevo das telas sul-americanas.

Nem atitudes estudadas, nem cabotinismo. Despreensão natural a reflectir-se na própria maneira de vestir, onde a singularidade e o bom gosto se combinam harmoniosamente. Como única nota exótica, uma mão dourada de unhas de esmalte vermelho, sobre a lapela curvada uma relíquia de santo ou um daqueles trabalhos de dissecação dos escapeiros de cabeças de Amazonas. Em qualquer dos casos, uma mão fatal, a atrair-nos a atenção como que a apontar-nos o rosto da artista, tão comunicativo e tão expressivo.

Pois é verdade! Maria Elena vem passar as férias a Espanha. Está ansiosa por conhecer Madrid, Barcelona e Sevilha. Sente-se, disse-nos ela, uma autêntica colegial em férias. Portugal maravilhoso, nas curtas horas que traz consigo uma cigarrilha de soul viveu. Traz consigo uma manja filigrana de ouro, que comprou nessa manhã numa curveteria portuguesa. E enquanto fuma, explica-nos que seu pai, um dos magnatas da industria do México, só há poucos meses lhe deu autorização para fumar diante dele...

Maria Elena inquire que filmes mexicanos temos visto. A sua surpresa e indignação sobem de tom à medida que lhe referimos vários títulos.

— Mas são filmes de há dez anos! E muitos deles, nem nas nossas provincias agrariam! E Maria Elena diz-nos que o México tem hoje uma industria progressiva. Muitos filmes bons. E esperam, dentro em breve, de colab. com as grandes firmas produtoras americanas, tentar a experiencia do technicolor. Essa colaboração, de resto, já existe. E o ultimo filme que interpreto, «A Pérola», segundo uma novela de Steinbeck, foi produzido pela R.K.O. nos seus estúdios do México, e recém-inaugurados. O sr. Joaquin Gallego e Pratt, que está presente, confirma a alta qualidade da película, que Lisboa verá na próxima temporada.

— E um filme trágico — explica-nos Maria Elena. A história de um índio que encontra, no fundo do mar, uma pérola de inestimável valor. A sua roda cerra-se um circulo de inveja e de despeito, pelo enorme valor que lhe foi parar às mãos. Para o defender, e defender a sua vida e a dos seus, amecados inclusivamente pelos salteadores, índio foge. Su-

dem-lhe desgraças sobre desgraças. Morre o filho. E o oshre índio acaba por lancar ao mar, nuvante, a pérola que só lhe trouxe infelicidade.

Maria Elena explica-nos que não há que estranhar o tom dramático da película. No México, o grande publico é gostoso de histórias assim. Condições desfavoráveis, tragédias, românticas. «O publico, quando vai ao cinema e chora — dá o nosso feliz — comentamos. — Deve ser um povo feliz — comentamos. Pois só os povos felizes poderião encontrar interesse nos espectáculos que os fazem sofrer e chorar...»

Fala-se de toreadas, que Lisboa viu, há anos, é o seu ídolo.

— Não pode imaginar a «faena» que ele fez, no amano a manos com Manolete, no dia da apresentação deste no México. Foi a maior «faena» da sua vida. Compreender: era o toureiro do México que estava em causa... Manolete — conta-nos Maria Elena — foi um êxito rotundo. Mas succediu uma enorme legião de adeptos. A tal ponto, que os «manoleteístas» adoptaram um emblema, que traziam na sua capa. E conquistou qualquer coisa famoso toureiro espanhol! foi qualquer coisa de inesquecível. Como, aliás, se corridas em que participou. Bilhetes a dots e três contos de réis na moeda portuguesa. E dicheas! forçadas nas praças, com dots e três dias de antecedência.

Maria Elena é entusasta a falar do seu país. Descreve-nos as belezas naturais, falas-nos dos monumentos e das românticas ruínas. Vera Refere as particularidades dos índios. Vera Cruz, México City, passam atraídas das suas descrições coloridas. Há uma allusão à praia de Acapulco. Por vezes acrescentamos pormenores. E citamos as lindíssimas banhistas que são uma das mais atraentes «belezas naturais» da região...

Maria Elena inquire interessada: — Conhece o México? — Conheço... — ...através da «Caixinha das Surpresas» de Walt Disney.

Maria Elena sorri e acrescenta com intenção: — Acredite que o México é lindo! Walt Disney não exagerou. Pelo contrário, houve muita coisa que não pôde incluir no seu filme. Enquanto a nossa interlocutora fala não podemos deixar de pensar que Disney também não viu Maria Elena, talvez porque ela, como não disse com uma pontinha de ironia, não conhece muito como mexicana, porque lhe faltam as tranças negras, os traços coloridos o cabelo de alba larva e aquele jeito impudico do «Panchito Alegre» — ou do «Panchito Villal»...

Line Romey, Mary Lord e Frances Rafferty, não escondem a sua alegria, nesta imagem cheia de mocidade, de cor — e de belezas.

A vedeta mexicana Maria Elena Marquês, fotografada durante a sua estadia em Lisboa

NOTA DA SEMANA

H A filmes portugueses que estão praticamente, há mais de dois anos, em produção. Ainda que certas pessoas pretendam convencer-nos do contrário — a verdade é que, sob este aspecto, estamos a andar para trás. Entre nós já se produziu com outro sentido de responsabilidade, isto é, dentro dos moldes exigidos por uma industria onde o tempo não é somente dinheiro — mas muito dinheiro.

Não é, evidentemente, deixando correr os anos, entre a primeira volta de manivela e a estrela, que se prestigia e defende a produção de filmes. E o mais grave é que as pelliculas em referência, com uma organização igual à que tem assegurado a feitura de outros filmes portugueses, estariam estradas seis meses depois de haverem dado entrada no estúdio. E, no entanto, não é isso precisamente o que se passa...

Situação alarmante, porque, ou nos enganamos muito, ou, a prolongar-se, acabará por destruir a confiança na própria industria, fazendo da produção de filmes uma coisa incerta e dubia, porque não se sabe precisamente quando se começam, quando se continuam, quando se acabam e quando se estream...



FACTOS E ARGUMENTOS POR FERNANDO FRAGOSO

MARY PICKFORD chegou a Paris e declarou aos jornais: «O elemento do maior importância num filme é o argumento. O realizador e os intérpretes só terão talento se a história em que o autor da história o afirmars».

A Sabedoria das Nações tornou axiomático a seguinte afirmação: «Com uma boa história, pode fazer-se um mau filme. Com uma história má, nunca se poderá realizar um bom filme».

Esta realidade não possui, evidentemente, valor absoluto. Até porque todas as regras têm excepções. Mas não se pode negar que corresponde, dum modo geral e de forma sensatez, a noções que a prática se encarrega, dia a dia, de demonstrar.

Encontrar uma boa história é a tarefa que mais preocupa o produtor. E para atingir semelhante finalidade, Hollywood montou gigantescos Departamentos de leitura, onde zelosos funcionários lêem e resumem, de roda do ano, milhares e milhares de histórias, ora escritas expressamente para o cinema e ora contidas em publicações, romances, peças de teatro, etc. E antes que seleccionem um assunto com interesse — a que os técnicos do espectáculo Adão dão forma cinematográfica — devoram, habitualmente, milhares e milhares de páginas.

Só a América produz, em regra, seiscentos filmes por ano, com um esforço exorbitante para encontrar novos temas. E não lhe podemos censurar que espóiem os filmes até à esquelidez. Dá-lhe as epidemias de filmes de «spankers», de películas de guerra, de romances de médicos... Dá-lhe também, a insistência em determinadas figuras: os Turzans, os Charlie-Chan, o Nick Carter. Dá, ainda, as sucessivas filias sobre o mesmo ambiente, como paranoicos, esquisitofrênicos, nevrotas de toda a ordem, até o ponto de se anunciar que o próximo filme de Fritz Lang será uma «série» psico-analítica... Só nos faltava, na realidade, Freud — no Texas!...

Dizem os jornais que dois dias depois de haver eclodido a revolta em Alcatraz — a tenebrosa prisão que o cinema se encarregou de nos revelar por dentro e por fora — foram entregues às firmas produtoras da Cinelandia nada menos de dez histórias sobre aquele tema. Tudo para a crer, ainda, que os cineastas americanos tenham o bom-senso de não reeditar a era do «Big House» e do «Código Penal», depois de nos terem «fuzilado» durante tanto tempo com os «compos» de concentrações e outras misérias semelhantes?

Mas cates dez argumentos sobre a rebelião dos presidiários de Alcatraz documentam largamente a dualidade de colher, no dia a dia, novos motivos para interessar os espectadores, com a vantagem da oportunidade corresponder a valores publicitários... Uma boa história pode, só por si, impor um filme. O cinema actual, neste aspecto, acanha de obter considerável triunfo com «Marie Louise» e, sobretudo, «La Dernière Chances».

A Academia Americana de Artes Cinematográficas, com efeito, distinguiu o primeiro com o troféu de melhor argumento do ano. O segundo, «La Dernière Chances», conquistou a França, a Inglaterra e os Estados Unidos. São dois assuntos baseados na guerra. «Marie Louise», como está lembrada, era a novela simples e emotiva da viúva dama criança francesa, posta a recato da guerra, no seio da família suíça que a acolhera. «La Dernière Chances» conta-nos a odisséia dum grupo de refugiados, que fogem do terror alemão, no cenário esplendoroso das montanhas.

Poucos países neutratos terão desenvolvido uma acção humanitária que se compare à de Portugal. Fomos, durante anos e anos, o país da Liberdade. Por aqui passaram milhares de refugiados, que o bom povo português acolheu com extremo carinho, privando-se muitas vezes do que lhe era essencial, em benefício dos fundadores errantes, que irram no rosto a imagem da Anselmidade e do Medo. E, no entanto, nunca, cheias de interesse humano, e em que tivemos um papel tão acendadamente simpático, nada que a nossa ciência e a fé persa. A Suíça, sob este aspecto, pode considerarse afortunada. O argumento dum filme não será, como disse Mary Pickford, directamente responsável pelo talento do realizador e dos intérpretes. Mas constitui, não resta dúvida, elemento decisivo na carreira da produção.

Quando veremos «Sanho de Amor»? O filme de Carlos Perreira foi estreado em Évora, para se candidatar aos prémios do S. N. I. Desde então, vimos aguardando a sua apresentação em Lisboa. Sabemos que sofreu uma nova impetagem com vista a eliminar impemimentos entre os assistidos. A gravura mostra-nos Raina Sombreg e Olavo de Esp. Local numa cena do filme.



Carola Lombard, ao lado do golfe Robert Strack, numa cena do filme de Ernest Lubitch, «Ser ou não Sera (To be or not to be), ainda inédito em telos portugueses».



Eugénio Salvador, no papel de «Pavelino», do filme português «Cais do Sodré», apresenta uma magnífica caracterização.

RECÉM-PUBLICADO O ROMANCE APAIXONANTE

TEMPESTADE MORTAL

por ASDRUBAL VALVERDE

TEMA EM QUE SE BASEIA O GRANDE FILME DO MESMO NOME, HA POUCO EXIBIDO E QUE TAMANHO EXITO TEVE

224 PAGINAS — 8 FOTOGRAVURAS

ESCUDOS 10\$00

ARGO EDITORA — LISBOA



RAINHA DA HUNGRIA

**TOME HOJE MESMO
LAXOBAC**

Olhe pelos seus intestinos. Deverá trabalhar com a regularidade dos bons relógios. Tome LAXOBAC, o novo chocolate laxativo, age actua suavemente, mas com firmeza, sem causar a mais leve dor ou incómodo. Laxobac agrada, tanto aos adultos como às crianças, devido ao seu sabor agradabilissimo.

LAXOBAC

Em todas as farmácias e Escudos 8\$50 e 12\$00 cada caixa. Lembre-se do nome.

LIVRARIA ECLECTICA
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada do Combro, 58 — LISBOA



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

CAPÍTULO XXXI

A FORTALEZA EUROPEIA

POR CARLOS FERRÃO



O rei Boris durante uma visita a Hitler

mas era oficial ao professor Lincomen encontrar um caminho alíquo para fazer sair o seu país da guerra em que se envolvia numa altura em que tudo parecia indicar a iminência, ou pelo menos a proximidade, da vitória alemã. Esta razão bastava para justificar os seus apelos constantes à união dos finlandeses perante a provação suprema que estavam a atravessar. No dia 15 de Junho, como de costume, o governo finlandês pagou aos Estados Unidos a prestação da sua dívida de guerra, gesto que produziu uma impressão favorável nos círculos dirigentes norte-americanos. Nesse mesmo mês o marechal Mannerheim recusou um pedido dos alemães para enviarem à Finlândia um batalhão de Weffen S. S. que havia estado a combater na Rússia e que devia ser colocado sob os ordens do general Dietl.

A CRISE INTERNA NA HUNGRIA

Durante esta fase da guerra, o chefe do governo húngaro, Nikolaus Kallay, visitou a Itália, em abril, a fim de se avistar com o Duce e concentrar com ele as condições em que o seu país poderia sair da guerra. Esta visita não conduziu, porém, a qualquer resultado positivo e pouco depois tornava-se público que o governo do Reich pedira à Hungria que intensificasse a sua participação na luta enviando mais tropas para a frente leste. Este pedido não podia ser deferido pelo governo de Budapest que se encontrava numa situação verdadeiramente crítica.

Perante a hostilidade crescente da opinião pública, o chefe do governo húngaro fez um discurso, no dia 29 de Maio, para recordar que não podia ser-lhe imputada a responsabilidade de ter enviado tropas para a frente leste e de ter submetido a nação a uma prova para a qual ela se não encontrava preparada. A questão do envio de novas forças húngaras para a Rússia acabou por ser decidida pelo regente Horthy que se recusou terminantemente a dar satisfação aos pedidos formulados pelo governo de Berlim.

O chefe do governo Kallay, declarou, entre outras coisas, nesse discurso de 29 de Maio: «Eu não tenho

dívidas de que a decisão de enviar tropas para a frente leste tinha de ser tomada, em qualquer hipótese, pois não nos seria possível furtarmos à insistência dos nossos aliados. Mas a verdade é que eu não posso ser responsabilizado por esse facto que acarretou para o nosso país as mais graves consequências. Neste momento pedem-nos que organizemos um exército que se destina a substituir aquele que até agora tem combalido no frente leste. A Hungria não pode fazer sacrifícios que excedam as suas possibilidades. Mas é minha convicção que nos cumpre contribuir para dar combate ao bolchevismo na medida das nossas forças pois a vida das pequenas nações, como a nossa, depende do resultado final desse combate.

A ROMÊNIA NA ENCRUZILHADA

No dia 12 de Abril o marechal Antonescu chefe do governo romeno visitou o Quartel General do Fuhrer, na frente leste onde teve demoradas conversações com o Fuhrer e os seus conselheiros. No decurso dessas conversações foi examinado o conjunto das relações entre os dois países e consideradas as condições em que a Roménia deveria intervir na sua participação no conflito. A elas assistiram, entre outras personalidades, o marechal Kettel e o ministro das Relações alemão Ribbentrop.

Num comunicado oficial, publicado em seguida à sua realização, disse-se o seguinte: «As conversações decorreram no espírito da amizade tradicional que une os dois países e serviram para afirmar, mais uma vez, a sua firme decisão de continuarem a guerra até a um desfecho vitorioso. O Fuhrer e o marechal Antonescu declararam que, mais do que nunca, era necessário intensificar a luta contra os inimigos da Europa e da paz e que essa luta seria levada a cabo pela mobilização total dos recursos dos dois países».

Mas no Interior da Roménia tudo indicava que trómbem este país se aproximava de uma crise decisiva a qual acabaria por se traduzir pelo seu afastamento da luta. As greves

e os actos de sabotagem começaram a tomar tal incremento que o governo do marechal Antonescu se viu obrigado a adoptar providências extremas a fim de evitar que a desordem se estabelecesse em todo o país.

No dia 1 de Abril os chefes dos dois grandes partidos constitucionais romenos Jldio Maniu, do partido campones, e Constantino Brătianu, do partido liberal dirigiram uma importante comunicação ao marechal Antonescu protestando contra a continuação da participação da Roménia na guerra e advertindo-o de que esse facto não tardaria a traduzir-se por consequências catastróficas para o país e para os seus interesses. Os acontecimentos não fizeram sendo confirmar, com uma rapidez inesperada, as suas antecipações fundamentadas.

De todos os satélites do Reich, a Bulgária era, certamente, aquele que se encontrava em condições relativamente mais vantajosas. De facto, a política astuciosa do rei Boris, posta em prática pelo governo a que presidia o professor Bogdan Filov, tinha conduzido a uma situação que não encontrava paralelo em qualquer outro caso, tanto no campo do Eixo como no campo dos Aliados. A Bulgária era beligerante mas os seus soldados não se batiam nos campos de batalha. Da sua beligerância, tendo pela segunda vez, jogado a carta alemã, a Bulgária esperava receber todos os benefícios que eventualmente pudessem derivar da vitória do Reich. Não enviando soldados para os campos de batalha contava,

no momento oportuno, justificar a sua atitude, caso os cálculos fundamentados na hipótese da vitória alemã se revelassem errados ou fossem desmentidos pelos acontecimentos.

Mas o rei Boris e os seus colaboradores, que eram apenas os instrumentos da sua vontade, tinham no seu arsenal de argumentos razões incontestavelmente poderosas para explicar a sua acção. Em primeiro lugar o povo bulgárico, ao contrário do que acontecera quando da sua intervenção na primeira guerra mundial, encontrava-se manifestamente dividido quanto ao caminho a seguir. A unidade nacional não pudera ser mantida pela coroa, e esse facto reflectia-se num estado de agitação interna permanente e desolador.

Em segundo lugar, os laços tradicionais de amizade e gratidão que ligavam o povo bulgárico à Rússia faziam-se sentir, pelo facto de este país ter sido invadido sem provocação, de maneira mais intensa na segunda do que na primeira contração. Esta circunstância aparecia ainda agravada pelas afinidades ideológicas entre a massa dos camponeses bulgáricos, que haviam recolhido a tradição eslavófila de Stambuliski, e os camponeses soviéticos que, entre as duas configurações, tinham assumido um papel preponderante na política soviética.

(Continua)

Quer de noite, quer de dia, a PERSEVERANÇA é o cheiro
duma beleza etoante...

Confiandamente e sem falar um só dia, use os produtos de limpeza e de beleza MARCELLE. Depressa o seu espelho reflectirá a sua pele mais fresca e clara, acedendo melhor qualquer das grandes variedades e tons do Pó, Rouge e Batons Marceller.

Aplicados com subtilidade e dentro do tema das cores, os produtos de beleza Marcelle completarão a vossa atracente personalidade.

Os produtos de beleza MARCELLE são especialmente aprovados pela American Medical Association.

FABRICADOS E EMBALADOS EM CHICAGO — U. S. A.

A venda nas melhores casas da especialidade

Unicos representantes em Portugal:

PAOLO COCCO — Rua Andrade n.º 4, r/c, Eq.º — Lisboa

COMER
É UMA
ALEGRIA!



Desapareceu-me
a indigestão

Escusa de continuar a ser esquivo com a comida doce que faz desaparecer o excesso de acidez das suas funções digestivas. As perturbações do estômago, são ruidosamente eliminadas com a Magnésia Bisurada. Basta uma colherzinha de pó ou 2 a 4 comprimidos de Magnésia Bisurada para, neutralizando essas hiperacidez, acabar com os ardores, sensação de peso e outros sofrimentos semelhantes e da mesma origem. Não é preciso sofrer.

DIGESTÃO ASSIGURADA
COM
**MAGNÉSIA
BISURADA**

À venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 16\$00 e 23\$00.

MEDICINAL
PASTA COUTO
TRATA
gengivas doencadas
ou sangrentas
EVITA
estomatites mercuriais
ou biomísticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00



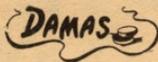
À VENDA EM TODA A PARTE.
Caixa pequena..... 3\$00
Caixa grande..... 8\$00
Dep.º COUTO, L. 48 — Porto
L. S. Domingos, 108 — Porto



PASS-TEMPO



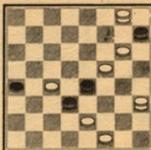
DIRIGIDO POR AGOSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques, 58 do Bandeira, 108, 3.ª — LISBOA



(Secção espanhola)
1.º CONCURSO INTERNACIONAL
DE PROBLEMATISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 88
(Problema)
«La Provincia» — Las Palmas
(Espanha)

Lema: «Luzida XXI»



Mate em 5

SOLUÇÃO DO PROBLEMA
PUBLICADO EM 16/5/046

(Secção portuguesa)
6-10 22-26 20-16 16-3
13-6 31-13 11-27 30-21
3-17-30-25-10-1 ganham.

P.

HIEROGLIFOS

COMPRIMIDOS

(Dedicados por Armando Nogueira
aos seus irmãos — Bissoz)

Maior Vara

ÉS Aparência Antiquado

Nota Nota Laço

Circunferência Virapão

VEJA SE SABE...

PROBLEMAS DE CULTURA GERAL
N.º 6

Apesar deste «boxeur» ter a cara
quase desfigurada, podem os leitores
identificá-lo?



Será:
Gene Tunney?
Max Schmeling?
Max Baer?
Paulino Uscudat?
José Santa (Camarão)?

SOLUÇÃO DO N.º 5

Wagner.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 67

Por José Duarte
(Lisboa)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Labrego: ras-
pas. 2 — Acólta: da mesma forma
que. 3 — Ususado (pl.); dificuldade;
exclusão. 4 — Caminhar: espertar;
pulin. 5 — Guardarás silêncio. 6 —
Tostei: círculos. 7 — Farrelhas. 8 —
Aquelas: rota; nota musical. 9 — Nota
musical (pl.); vento; designativo de
afirmação. 10 — Renques; nado. 11 —
Consumir: fronteira.

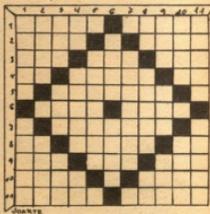
VERTICAIS: 1 — Ponteiro de plum-
bina para escrever ou desenhar;
fazer estar em silêncio. 2 — Igar:
divisão de uma casa. 3 — Base (pl.);
óxido de cálcio; chiste. 4 — Indiví-
duo; extinguir; apelido. 5 — Soldado.
6 — Mandar; liquem. 7 — Curadas.
8 — Abrev. Antes de Cristo; extraor-
dinárias; barbaquão. 9 — Poetas; pe-
dido de socorro; compreendo. 10 —
Gostem; desgasta. 11 — Adicionar; ral-
malhetes.

SOLUÇÃO DO N.º 66

HORIZONTAIS: 1 — Café; sacam.
2 — Ilom; orava. 3 — Ajeito; amos.
4 — Rum; ana; las. 5 — Ar; travessa.
6 — Purgara. 7 — Masmorra; 16. 8 —
Oba; sai; als. 9 — Sola; saltam. 10 —
Cimba; doida. 11 — Azoar; asmas.

VERTICAIS: 1 — Clara; móca.
2 — Aluz; aboiz. 3 — Piem; palmo.
4 — Rok tum; aba. 5 — Enterros; ar.
6 — Onagras. 7 — S6; avartada. 8 —
Ará; era; los. 9 — Camles; atim. 10 —
Aviava; fiada. 11 — Massa; esmas.

Verificado: Dic. Cândido de Fi-
gueiredo e Francisco Torrinha.



SOLUÇÃO DAS CHARADAS
COMBINADAS
(Publicadas em 16/5/046)

1 — Cometa. 2 — Capota.



NÓS OFERECEMOS a vida e a beleza dos seus cabelos

«EMBRYODINE-C» ou D₂ revolução a
técnica da vida e da beleza dos cabelos.
Não sendo uma brilhantina, dá, contudo,
um brilho que jámal se apaga. Os cabelos
das senhoras, secos e quebradços, devido
a tinturas, «permanentes» ou descolora-
ções, tratados com «EMBRYODINE-C»,
retomam instantaneamente o aspecto da
juventude, tornando-se robustos, sedosos,
ondulados e radiosamente brilhantes.

Os do homem, quando tratados com
«EMBRYODINE-C», não só detêm de
embranquecer prematuramente, como se
apresentam brilhantes, sedosos e fixos.

Para senhoras: EMBRYODINE-C — frasco para 15\$00 e 25\$00
Para homens: EMBRYODINE-D — boião, 20\$00

A venda nos bons estabelecimentos. Agente geral para Portugal e Espaha:
J. SANTOS — Rua Santo Ildefonso, 20 — Porto. Distribuidores no
Continente: ANTONIO FERREIRA PINTO, Ltd.ª — Rua dos Correiros,
123-1. — Lisboa.

Porque é que o seu médico aconselha SULFADENTINA ?



Porque usar SULFADENTINA representa uma defesa permanente
contra as bactérias e torna os vossos dentes sãos como nenhuma outra.

NA cidade de Rouen existe um prédio de três andares, chamado «O Berço de Rouen», onde o Dr. Maurice Paradis e sua esposa prestam assistência às mães solteiras e aos seus filhos.

Desde o dia V-E passaram pela pequena creche para cima de 300 crianças ilegítimas. Mais de 80 por cento destas crianças são filhas de americanos. Milhares de crianças filhas de soldados americanos serão criadas e educadas para a cidadania francesa.

A França, cujo índice de natalidade é muito baixo, espera adotar cerca de 300.000 crianças filhas de franceses, nascidas na Alemanha.

A senhora Paradis, enfermeira durante a primeira guerra mundial, e o seu marido, médico notável, só podem manter na creche doze crianças. A maior parte, porém, é entregue nos lares dos lavradores vizinhos, cujas esposas recebem 1.500 francos mensais por cada criança de que cuidam.



A senhora Paradis é carinhosa para com os petizes



Muitas mães permanecem no «Berço» de Rouen, onde aprendem a tratar dos crianças



Uma esposa de um lavrador que tem ao seu cuidado nada menos do que quatro bebês!



A mãe de um filho ilegítimo de guerra dá de mamar à criança no «Berço» de Rouen

FILHOS ILEGÍTIMOS DA GUERRA

Avermelha ao gengivas
Avermelha ao gengivas
Avermelha ao gengivas
Avermelha ao gengivas

CARMIM
CREME
TOCERO

Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica

CARMIM
CREME
TOCERO

E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes